Índice

A Antártida Começa aqui	13
A Cura de Ana	49
Países Baixos	59
Clube de Campo	69
Deseo	85
Alfredo na Cama	101

Para Samir Nazal — um homem só não morre.

When there is nothing left to burn
you have to set yourself on fire.

DOUGLAS CAMPBELL

A Antártida Começa aqui

Um verdadeiro soldado não é um homem.

Aos sessenta e quatro anos, o poeta Karol Vasek foi proposto como candidato ao Prémio Nacional de Literatura, para surpresa tanto do pequeno mundo literário como da maior parte dos leitores chilenos. Os restantes candidatos eram narradores ou poetas de renome, e um deles ganhara o Prémio Príncipe das Astúrias pouco antes, pelo que quase receberia também esse outro à laia de reconhecimento posterior, de acordo com esse reflexo tão típico do Chile, que valoriza o sucesso no estrangeiro mais do que qualquer outra coisa.

Segundo as bases do nosso mais alto galardão literário, qualquer autor chileno que tivesse «consagrado a sua vida ao exercício das Letras» poderia ser nomeado para o prémio, mas a candidatura de Vasek foi completamente inesperada, e parecia impossível que o júri a aceitasse. Da sua vida sabia-se pouco; da sua literatura, ainda menos: nascera no sul do Chile, publicara apenas quatro livros de poesia — impossíveis de encontrar — e servira brevemente no exército chileno, durante os anos anteriores à ditadura.

Quando soube da sua candidatura, estava prestes a perder o meu trabalho na secção de cultura de uma revista política que era distribuída com o segundo diário mais importante do país. Presa do pânico que me causava a ideia da próxima reunião de redação semanal, propus, para sair de apuros, encarregar-me de uma peça sobre Vasek, dando por certo que seria recusada. Não lera um único verso seu. Tive de improvisar uma história com o pouco que pude

encontrar na Internet. Quase todo esse pouco aparecia em páginas de grupos de extrema-direita, com nomes fascistoides como *Renacer Chileno*, *Martillo del Sur* e *Legión Austral*, mas naquele momento o tema do nazismo voltara a atrair a atenção da imprensa, pelo que me bastou mencionar que Vasek fora milico e dar dois detalhes da sua biografia (era descendente de checos, o seu pai fora um piloto de guerra condecorado por Göring) para que o meu editor aceitasse o tema, na condição de eu conseguir uma entrevista com o poeta.

Já corria à boca pequena que aquele seria o meu último mês na revista. Os conflitos com o editor da secção cultural tinham chegado ao auge depois de eu me ter negado a aceitar o título que ele propusera para uma das minhas peças e o alterei no programa de edição que utilizávamos, precisamente no último momento antes de o texto seguir para a impressão. Quando o descobriu, chamou-me ao seu gabinete, tão furioso e humilhado que lhe tremiam as mãos. Disse-me que, se eu voltasse a atrever-me a fazer uma coisa assim, faria o que fosse necessário para me impedir de tornar a trabalhar como jornalista no Chile. Deixei-o sem pedir desculpa. Que poderia dizer-lhe? Que eram os meus primeiros passos para me dedicar à literatura? Ficar sem emprego parecia-me um pesadelo, embora estivesse a fazer mil asneiras para o tornar realidade. Começara havia pouco mais de um ano a trabalhar como repórter, mas era por vir a ser escritor que realmente ansiava. Era uma coisa com que sonhara toda a minha vida. Uma decisão firme, segundo pensava. Porque não se tratava de uma vocação qualquer. Ser escritor, como ser soldado ou samurai, implicava uma atitude violenta frente à realidade, uma resistência contínua, sem pactos nem tréguas. A rotina, os limites, a família, as normas, a felicidade, tudo isso tinha sentido para os outros, enquanto a vida do escritor servia para o aproximar do abismo. Onde ficava o famoso abismo e que fazer se se acabasse por lá chegar eram coisas que eu ainda não sabia. Suponho que seria ficar a olhar para dentro.

Era ridículo, mas então a literatura gerava em mim um desejo incontrolável. Praticamente não dormia para poder ler e era incapaz de sair de casa sem levar vários livros na mochila. Comecei a adquirir hábitos estranhos: na revista, inspecionava os computadores dos meus colegas e lia os *e-mails* deles; no autocarro e no metro,

ouvia conversas de terceiros e espreitava as mensagens de texto que as pessoas escreviam nos seus telemóveis; em casa dos meus amigos, abria gavetas e procurava os seus diários pessoais, como maneira de aceder à sua intimidade, a esse núcleo obscuro, pecaminoso e secreto do qual nasce a verdadeira literatura. Garatujava centenas de ideias num pequeno caderno, esboços, projetos e resumos de histórias que nunca cheguei a desenvolver, mas das quais não me cansava de falar. Como não era capaz de resistir horas sentado na sala de redação sem fazer nada, escondia-me na casa de banho a ler durante tanto tempo que os meus colegas pensavam que sofria de alguma doença dos intestinos: até hoje, associo a marca do cloro utilizada pelo pessoal de limpeza das instalações sanitárias com os diários de Gombrowicz e o cheiro a merda alheia com alguns dos meus poetas favoritos. Tudo me parecia uma perda de tempo diante da necessidade de ler e preparar o que iria escrever. Quando? Isso não tinha importância. Naquela idade, escrever não era o mais importante. Os grandes escritores — pelo menos os que eu considerava grandes — triunfavam na maturidade. A juventude era para outra coisa. Para ler, para viajar, para a droga. Para se aprender a passar fome e frio. A juventude servia para sofrer, endurecer, reunir materiais e construir um castelo. Desde que deixara a casa dos meus pais, vivia com uma amiga sem lhe pagar renda. Tinha vinte e cinco anos, não escrevera um conto que fosse, não tinha cheta, não tinha namorada, desleixava a saúde e fumava charros todos os dias, mas suponho que de certa maneira conseguia sentir-me como um homem a valer, quando na realidade não passava de um fedelho.

O artigo sobre Vasek prometia ser um desastre. Excetuadas as páginas nazis que o mencionavam, não havia praticamente qualquer informação que se pudesse associar a uma carreira poética de quase quarenta anos. Os meus amigos não o conheciam e as editoras dos seus livros tinham desaparecido havia décadas. O único que se lembrava dele era Samir Nazal, um velho livreiro com uma coleção impressionante de poesia na sua loja de livros em segunda mão. Nazal dominava a literatura chilena melhor do que ninguém e conservava ainda uma vaga recordação do primeiro livro de Vasek.

Um tipo bastante estranho, disse-me ele quando fui visitá-lo. Um poeta menor, mas interessante. Estranho, como?, perguntei-lhe. Ele não mo soube explicar. Não se lembrava das imagens nem do estilo dos poemas, só do título de um: «Pilotos de Tormenta». Pedi-lhe que me ligasse se descobrisse algum livro seu, ou se lhe ocorresse alguma maneira de contactar Vasek, os seus editores ou qualquer pessoa que me pudesse ajudar a conseguir entrevistá-lo. Regressei derrotado à revista. Na sexta-feira dessa semana teria de apresentar alguma coisa a Pato, o meu editor, e sentia-me a cada dia qua passava mais arrependido de ter sugerido uma peça sobre Vasek. Não era a primeira vez que arranjava problemas por perder tempo tentando tratar de um assunto impossível. No melhor dos casos, teria de suportar as graçolas de Pato, que me chamava «o administrador», porque nunca chegava a horas, ou «o principezinho», porque uma vez cometi o erro de aparecer no trabalho com um casaco de veludo azul que comprara numa loja de roupa usada. Como não via mais nada que pudesse fazer, decidir pesquisar os arquivos da Escola Militar.

Numa folha amarelecida, escrita à máquina, cheia de erros de ortografia e manchas de humidade, encontrei os seguintes dados: Karol Vasek, nascido Karol Anton von Vasek Geislerova, filho de Karol von Vasek Roubal e de Catalina Geislerova Pinto, entrara na Escola Militar aos dezoito anos. Era um tipo enorme — media quase dois metros —, com o cabelo preto e liso. A única fotografia sua constante do arquivo, tipo passe, mostrava um jovem de feições europeias, magro como uma caveira, com um nariz afilado e proeminente, de mago ou de druida. Os seus olhos — cinzentos segundo a ficha — eram completamente desprovidos de brilho e davam até a impressão de absorver a luz. Um tipo excecional, pensei, não tem nada que ver com o Chile. Salvo por um laivo de melancolia, era-me impossível ver naquela fotografia alguma coisa que o irmanasse com qualquer dos jovens que ingressam no exército procurando uma saída da pobreza, rapazes que põem as suas vidas em mãos alheias e que se entregam às forças armadas para se arrancarem a aldeias esquecidas ou pais violentos. Vasek era diferente, parecia de outra espécie, e por mais que olhasse para o seu retrato não pude imaginá-lo a marchar obedecendo a ordens, com o

cabelo rapado e a espingarda ao ombro, a caminho de uma vida nova, de uma disciplina, de um massacre ou de uma guerra.

Um par de semanas antes de eu ter começado a investigar sobre Vasek, chegara para trabalhar na revista um jornalista novo. Federico Silva Fernández, estagiário, instalou-se no meu cubículo, no canto mais escuro da redação. Era a pessoa mais disforme que em toda a minha vida eu tinha visto. O corpo dele parecia feito de peças tiradas de outros. Quando nasceu, tinham-lhe reconstruído o rosto por meio de sete operações; tinha os olhos muito afastados e um notoriamente acima do outro, numa cabeça que era do mesmo tamanho que o ecrã do meu computador. O cabelo crescia-lhe aos tufos, e a cheia de placas de psoríase parecia tão rugosa como a casca de uma laranja. Sacudiam-no múltiplos tiques nervosos, como que sob o efeito de choques elétricos, e embora as intervenções cirúrgicas lhe tivessem corrigido o lábio leporino, falava como um fanhoso. Federico chegou à revista após ter sido despedido do diário *La Segunda* depois de a editora o ter conhecido pessoalmente. Nunca soube por que razão o aceitaram na nossa revista. O seu corpo — falhado, feio e pobre — era a antítese perfeita de tudo o que os donos da revista procuravam refletir. Durante os primeiros dias não podia nem olhar para ele, mas depois (como costuma acontecer quando fazemos quotidianamente frente ao monstruoso) a sua anormalidade, tão chocante de início, foi diminuindo, até que deixou de chamar a atenção fosse a quem fosse. Pouco a pouco, Federico foi-se transformando em Fede, o moço de recados, aquele que chegava saudando todos pelo seu nome e o único a tal ponto abaixo dos restantes que até eu podia pedir-lhe ajuda.

Fede estudara Jornalismo, mas, tal como eu, queria ser escritor. Passava o dia a cortejar por *chat* amigas com as quais nunca teria qualquer hipótese, e como tinha muito pouco que fazer na revista, dedicava-se a fazer publicações num blogue que eu lia por cima dos seus ombros com uma curiosidade mórbida, porque Fede, além de descrever as suas rotinas no trabalho, comentar os livros que comprara e partilhar fotografias da sua sobrinha, muitas vezes escrevia sobre mim. Era horrorosamente ingénuo e sentia a necessidade de perguntar a minha opinião sobre todas as coisas.